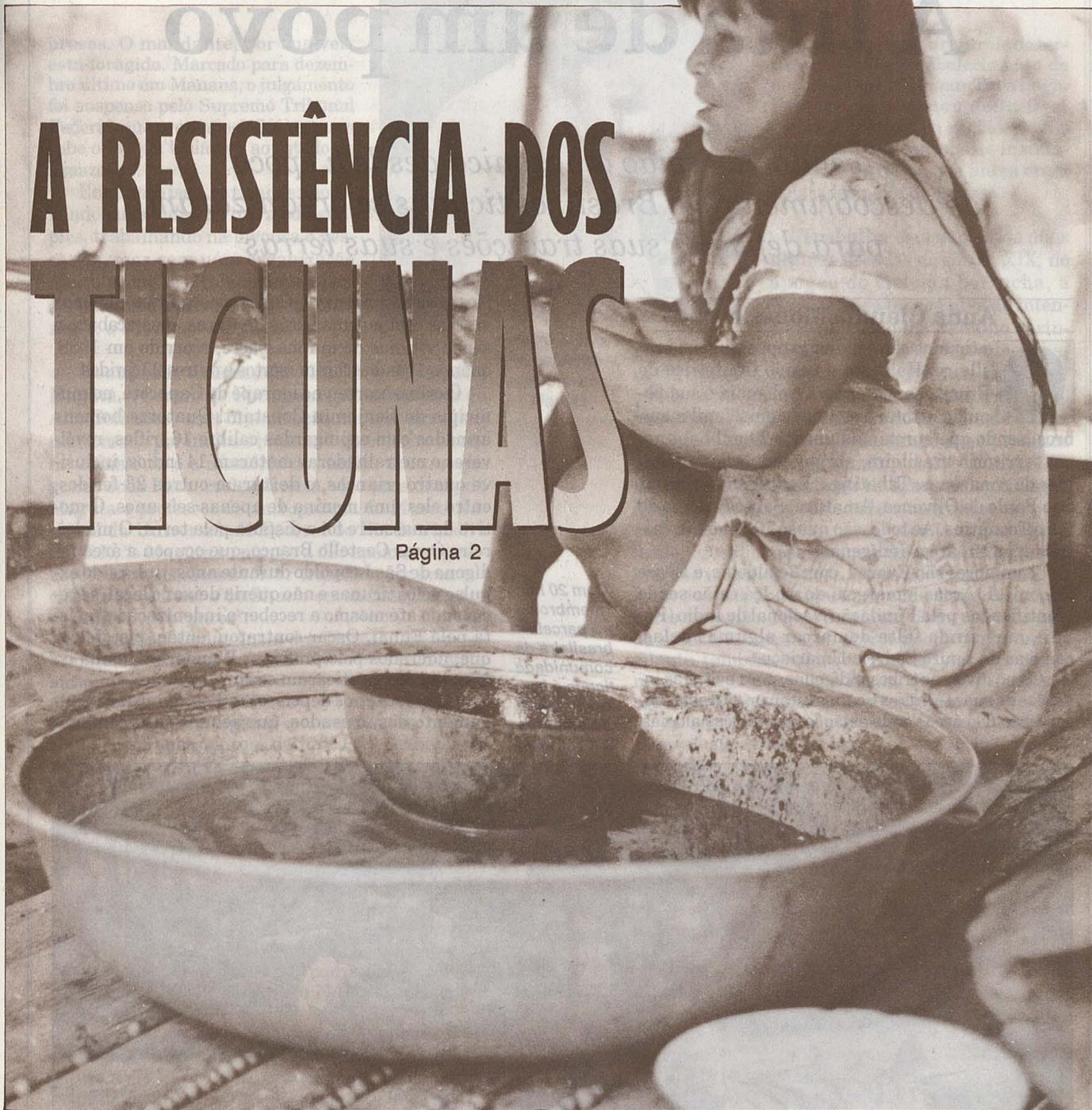


# SUPLEMENTO

ESPAÇO DE REFLEXÃO SOBRE TEMAS ALTERNATIVOS

## A RESISTÊNCIA DOS TICUNAS

Página 2



### MEMÓRIA

Os 100 anos  
do futebol  
no Brasil

Página 8

### CULTURA

Documentário  
cubano revela  
primórdios da TV

Página 12

# A luta de um povo

*Vivendo na região amazônica desde a época do descobrimento do Brasil, os ticunas se organizaram para defender suas tradições e suas terras*

## Anna Claudia Monteiro

**O**s ticunas são o maior grupo indígena brasileiro. Habitam a região fronteira do Brasil com o Peru e a Colômbia e sua população total é estimada em 27 mil membros, sendo que aproximadamente 20 mil habitam em território brasileiro, abrangendo seis municípios do Amazonas: Tabatinga, Benjamin Constant, São Paulo de Olivença, Amaturá, Santo Antônio do Içá e Tocantins. Ao todo, são quase 100 aldeias, distribuídas em áreas indígenas.

As maiores são Évare I, com 34 aldeias, e Évare II, com 11. Áreas à margem do rio Içá estão sendo identificadas pela Fundação Nacional do Índio (Funai), mas ainda falta demarcar algumas delas, como as de Lauro Sodré e Umariáçu.

Como diversas tribos indígenas, para evitar as invasões de suas terras os ticunas lutam muito pela preservação das áreas onde estão localizadas as aldeias.

Nos governos Sarney e Collor conseguiram algumas vitórias com a demarcação de terras, mas acabaram sendo vítimas de um massacre, ocorrido em 1988, quando 14 índios foram mortos e outros 23 feridos.

O crime ocorreu no igarapé do Capacete, no município de Benjamin Constant. Quatorze homens armados com espingardas calibre 16, rifles, revólveres e metralhadoras mataram 14 índios, inclusive quatro crianças, e deixaram outros 23 feridos, entre eles uma menina de apenas seis anos. O motivo do massacre foi a disputa pela terra. O madeireiro Oscar Castello Branco, que ocupou a área indígena de São Leopoldo durante anos, tinha sido expulso pelos ticunas e não queria deixar o local, se recusando até mesmo a receber a indenização prevista pela Funai. Oscar contratou, então, pistoleiros que, liderados pelo professor Wanderley Penha do Nascimento, praticaram o crime coletivo.

Hoje, sete anos depois, os índios aguardam o julgamento dos acusados, que sequer se encontram

*Com 20 mil membros, a parcela brasileira da comunidade ticuna é bem maior que a colombiana e a peruana*

Fotos: Fábio Vaz



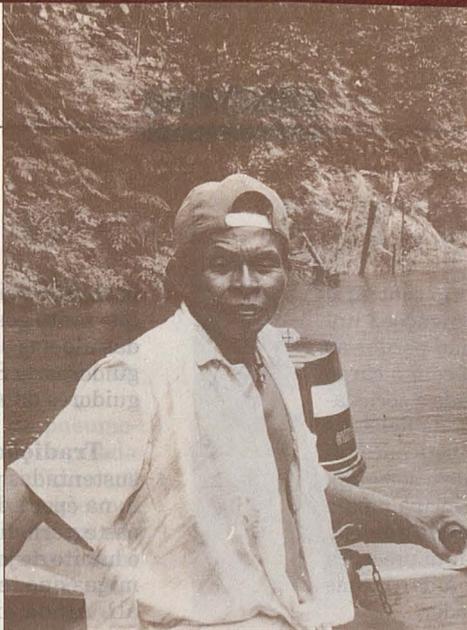
presos. O mandante, por sua vez, está foragido. Marcado para dezembro último em Manaus, o julgamento foi suspenso pelo Supremo Tribunal Federal, que pretende definir a quem cabe o caso: à União ou ao estado do Amazonas.

Enquanto isso, os ticunas vão levando suas vidas de um modo simples, trabalhando na lavoura e pescando, mas com uma organização muito peculiar e com grande preocupação com a preservação da Amazônia, a educação e a saúde.

**Recuperar a memória** – Em 1986, foi criado o Magüta – Centro de Documentação e Pesquisa do Alto Solimões, uma organização não-governamental formada por índios e brancos cujo objetivo é reunir a história e a memória dos índios ticunas. Segundo João Pacheco de Oliveira, vice-presidente do Magüta e professor de antropologia do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), “o Magüta se propõe a dar apoio às organizações ticunas, desenvolver trabalhos na área social e educacional e facilitar o entendimento entre os índios e os brancos”.

Durante a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio-92), a entidade conseguiu um financiamento do governo austríaco de cerca de US\$ 500 mil para a demarcação de seis áreas indígenas que estavam em processo de reconhecimento e delimitação. Através de uma licitação, a ONG contratou a empresa Asserplan Engenharia, que havia demarcado as terras ianomâmis, e iniciou os trabalhos, com supervisão de técnicos da Funai. A parceria entre uma ONG e um órgão governamental foi inédita e, no final de 1993, a demarcação ficou pronta. A próxima etapa é a homologação pelo presidente da República.

De acordo com o antropólogo Fábio Vaz, o contato com o homem branco vem de longa data: “As primeiras notícias sobre sua presença na região são de 1640, durante a viagem do padre Acuña pelo rio Amazonas, baixando do rio Napo até o oceano Atlântico. Uma parte da tribo foi aldeada junto com outros índios nas missões dos jesuítas espanhóis, criadas por outro padre, Samuel Fritz, no final do século XVII.” Em 1952, o etnólogo alemão Curt Nimuendajú fez a primeira pesquisa com uma tribo ticuna, no Alto Solimões. Ele conta que os índios são citados na história da região amazônica pela primeira vez como inimigos dos omáguas, moradores da margem esquerda do Solimões. Esses ticunas viviam em terra firme, dentro dos igarapés afluentes da margem esquerda. Os omáguas eram o principal grupo indígena do Alto Solimões, mas foram praticamente dizimados por epidemias de varíola e outras doenças e também por guerras entre portuque-



**Pedro Mácio,**  
presidente  
do Centro  
do Magüta

ses e espanhóis pelo controle do território. Com o estabelecimento de um forte em 1776, em Tabatinga, Portugal conquistou definitivamente o controle da região. Com o tempo, alguns ticunas se instalaram nas margens que antes eram habitadas pelos omáguas.

**Trabalho escravo** – Nas duas últimas décadas do século XIX, no apogeu do ciclo da borracha, a Amazônia se tornou alvo de intensa exploração do trabalho seringueiro. “As empresas seringalistas usavam o chamado modelo caboclo de exploração: menor produção de borracha junto com uma agricultura de subsistência, articulados através do sistema de barracão, onde a comercialização de todos os produtos deve ser feita nos armazéns do patrão”, conta Fábio. As empresas seringalistas tinham sua legitimação com os títulos de propriedade conseguidos por poucas famílias sobre as terras dos ticunas. Deste modo, os índios passavam a dever obediência aos brancos recém-chegados. Os patrões instalaram-se junto aos principais igarapés, controlando os moradores da região. Fábio continua: “Para reforçar ainda mais tal controle, os patrões nomeavam um vigilante, também índio, que exercia liderança na comunidade. Conseguiram, assim, que ele defendesse seus interesses, através de uma lógica perversa.”

As atividades produtivas dos ticunas dividiam-se entre a extração da borracha e a agricultura de subsistência, sendo que qualquer excedente era apropriado pelo patrão. Neste momento, instituiu-se uma prática que vem sendo comum entre as populações rurais no país: a escravidão, mesmo que na teoria tenha sido abolida há quase 107 anos. Acumulando sempre dívidas para com seus patrões, num esquema de servidão, o índio não estava livre para sair daquele seringal, caso não estivesse satisfeito com o trabalho. Sua dívida era impagável.

**A luta pela sobrevivência** – Atualmente, os ticunas vivem da agricultura, vendendo os excedentes da produção nas cidades próximas às aldeias, e da pesca, tendo conseguido se livrar do “sistema de barracão”.

Em 1910, os capuchinhos vindos da província da Úmbria, na Itália, instalaram a Prefeitura Apostólica do Alto Solimões e a região também passou a contar com um delegado do Serviço de Proteção ao Índio (SPI). O trabalho do funcionário limitou-se, apenas neste primeiro momento, a fazer relatórios. A partir de 1942, foi instalado um posto do SPI na região. O órgão tutor criou, então, uma liderança entre os ticunas, para que deste modo ficasse mais fácil a dominação. Fábio conta que o contato com a sociedade branca pressionou os ticunas a também

se organizarem a partir dos anos 80: "Ao contrário da aculturação, eles viram nas organizações um modo de sobreviver a este contato e não perder as suas tradições. A organização começa com o cargo de capitão geral da aldeia que, comparado à sociedade branca, tem o papel de um ministro das Relações Exteriores." É ao capitão geral que compete encaminhar reivindicações do grupo à sociedade e seus representantes, mas sem poder interferir principalmente na relação de poder na qual está estruturada a aldeia. A "patente" de capitão se deve à constante presença do Exército na fronteira, que chegava a dar fardas para o chefe ticuna poder exercer seu poder.

**Ecumenismo na floresta** – A ordem da Cruzada Apostólica Evangélica ou Movimento da Santa Cruz atingiu todos os ticunas e brancos moradores da região do Alto Solimões a partir de 1971. Um mineiro humilde, que havia pregado em cidades do Peru vestido com túnica de frade e com o nome de *Irmão José* anunciava o fim do mundo para breve. Apenas aqueles que estivessem reunidos em torno da cruz, arrependendo-se dos seus pecados e seguindo seus mandamentos, se salvariam.

Com forte apoio de fazendeiros, madeireiros e donos de terra na região, Irmão José multiplicou as igrejas desta seita, onde muitas vezes o diretor era o próprio patrão dos índios. Em meados da década de 80, Irmão José morreu e, tempos depois, apareceu por lá um peruano, autodenominado Irmão Francisco, que dizia ser a reencarnação do mineiro. Muitos índios sentiram no ar um cheiro de charlatanismo e acabaram se desligando da seita. Segundo o capitão geral Pedro Inácio Pinheiro (em ticuna, Ngematücü), sua aldeia resolveu não seguir mais a religião "porque ela acabava com a tradição de meu

povo, não deixando que se realizassem as festas de que tanto gostamos". A maior parte dos moradores das aldeias se divide entre católica, batista e os seguidores da Santa Cruz, e há até mesmo alguns seguidores da Assembléia de Deus.

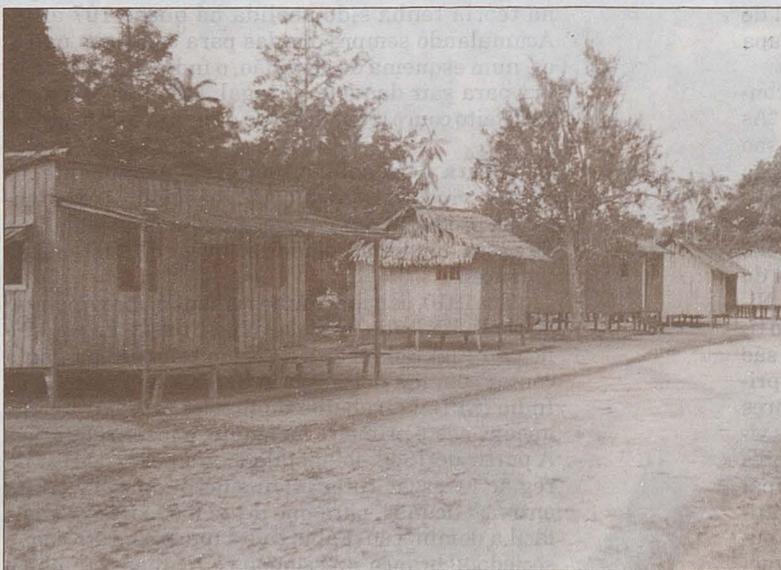
**Tradição e pobreza** – As casas dos ticunas são sustentadas por estacas, que evitam seu alagamento na época das cheias. A terra ao redor das estacas é periodicamente observada e os ticunas têm o hábito de jogar água fervendo para matar as formigas que teimam em construir formigueiros por ali. Ainda existem casas sem paredes, como as que o alemão Nimuendaju conheceu quando esteve por lá, nos anos 20, mas são bem raras. Nelas é que acontecem as festas tão desejadas, já que são frescas e têm capacidade para cerca de 300 pessoas. No entanto, o padrão observado é o de casas com paredes de madeira. A água vem dos igarapés ou da chuva, quando as casas possuem telhados de zinco. Estes não são muito usados porque aumentam o calor tropical.

O que se vê nas aldeias ticunas são as tradicionais casas com telhados de palha, que tornam a temperatura durante o dia mais agradável. Os índios recebem orientação sobre os cuidados com a higiene dos monitores de saúde e tratam a água com hipoclorito de sódio, principalmente para conter a cólera e outras doenças transmissíveis. Eles mesmos constroem fossas sanitárias nas aldeias, servindo a várias casas. O lugar preferido para dormir são as maqueiras feitas de fibra de tucum, mas também são encontradas redes de tecido compradas nas cidades e os cortinados, uma proteção contra os mosquitos.

Quanto à alimentação, a base é o peixe com farinha de mandioca. Em geral, os peixes são cozidos e o seu caldo é muito apreciado por todos. Também se prepara o peixe assado. Outro componente importante da dieta ticuna é a banana, preparada como mingau, assada na brasa ou frita. Eventualmente, também cozinham caças diversas, como queixada, anta e caititu.

**Saúde e educação** – Extremamente organizados, os ticunas deram destaque à saúde a partir de 1990 com a criação da Organização dos Monitores de Saúde do Povo Ticuna (OMSPT), formado pelo Magüta através de convênios com a UFRJ e a Fundação Nacional de Saúde. A entidade trabalha no sentido de formar monitores de saúde nas diversas aldeias. Com assessoria da antropóloga e doutoranda em Saúde Pública, Regina Erthal, a organização tem, inclusive, entrado em contato com entidades de saúde brasileiras e estrangeiras a fim de viabilizar sua atuação junto à comunidade.

*Na Aldeia de Vendaval (foto) as casas, como acontece com todas as moradias dos ticunas, são sustentadas por estacas para evitar as cheias*



O tesoureiro do Magüta, o historiador Paulo Roberto de Abreu Bruno, contabiliza 99 monitores. Alguns deles recebem um salário mínimo por mês pelo trabalho. "Eles têm alimentos e moradia, dá até para poupar algum dinheiro", conta.

As doenças mais comuns na região são pneumonia, vermes e diarreia e as conseqüências de picada de cobra. Muitas vezes falta até soro antiofídico nos hospitais. O historiador sonha com um projeto: a construção de postos de saúde nas aldeias principais e um barco de saúde, que funcionaria como um mini-hospital itinerante. O barco é um sonho presenças a se tornar realidade. Orçado em US\$ 15 mil, o Magüta recebeu uma doação da Manos Unidas, uma organização católica espanhola, para levar o projeto adiante. "A idéia é visitar as aldeias, supervisionar o trabalho dos monitores, estimular campanhas de vacinação e prevenção de doenças", afirma Paulo Roberto. Uma outra preocupação é com os dentes e com a higiene bucal. Já foram formados dez agentes de saúde bucal, que fazem inclusive próteses dentárias, em laboratórios instalados nas aldeias de Vendaval e Campo Alegre.

**Resgate da língua** – Uma outra entidade é a Organização Geral dos Professores Ticuna Bilíngüe (OGPTB), criada em 1986 com o objetivo de ensinar as línguas ticunas e portuguesa. A assessora do Magüta para Educação, a artista plástica Jussara Gruber, presta assistência à OGPTB, responsável por cursos de reciclagem para seus professores e pela confecção da cartilha usada na alfabetização em ticuna. "A idéia surgiu porque o material usado na alfabetização das crianças não tinha a ver com a realidade deles. Resolvemos botar elementos da cultura ticuna nas cartilhas, recuperando mitos e lendas, como criação dos povos, origem dos animais e preservação da natureza", conta o responsável pela en-



**Demarcação da Área Indígena de Évare II. Da direita para a esquerda: Nino Fernandes e Pedro Mácio (ticunas), o antropólogo Fábio Vaz e um técnico da Asserplan, empresa encarregada da demarcação**

tidade, o ticuna Nino Fernandes (Metacü, em ticuna). Além da alfabetização, a OGPTB forma professores que em grande parte são contratados pela Funai, por prefeituras e pela Secretaria Estadual de Educação do Amazonas, também recebendo um salário mínimo. Hoje, são cerca de 190 professores na região. Nesse processo, existe ainda a figura do supervisor de educação, que fiscaliza se o ensino está satisfatório, orienta os professores e tira suas dúvidas.

As matérias, por sua vez, são adaptadas. Em ciências, por exemplo, as crianças aprendem a importância da Amazônia para a sua sobrevivência. Nas aulas de história, são ensinadas a origem do povo ticuna e suas lendas. Nas aulas de línguas, aprendem a ler e escrever em ticuna e, depois, a falar, ler e escrever em português. Também há a intenção de ensinar astronomia, valorizando suas lendas sobre a lua, o sol, os planetas, etc. Paulo Roberto conta que há uma preocupação constante com a ecologia: "É preciso criar uma mentalidade de preservação, a começar com as crianças. Elas já sabem o valor da floresta para os peixes, aprendem que não devem aceitar a pesca predatória, porque acaba com os alimentos. Precisamos mostrar a idéia de ecossistema, unindo o conhecimento científico com a prática do dia-a-dia." Segundo ele, a preocupação com a preservação da Amazônia é passada aos ticunas sem a conotação romântica que o tema acaba adquirindo: "Os índios vêem que a floresta é o patrimônio deles e, por isso, não concordam com as invasões. Sabem que a floresta é a sua sobrevivência. Muitas vezes os peruanos dão barcos e alguns índios passam a pescar para eles, sempre no esquema de semi-escravidão. Os ticunas denunciam essa pesca predatória ao Ibama", conta.

Apesar destas iniciativas, Paulo Roberto critica: "Quando começa a ganhar dinheiro com a profissão de monitor, o índio acaba abandonando a comunidade para multiplicar seu capital." O índio passa, então, a usar o salário para montar uma vendinha ou uma barraquinha e comercializar produtos que não têm a ver com sua formação. "É uma questão a ser pensada. A gente precisa mostrar ao índio a importância dele permanecer na aldeia e ensinar a comunidade, e não se desligar dela", conclui. ■

## A lenda de You e Ipi

A organização social dos ticunas é por grupos de descendência, e pertencer a um grupo depende da linha paterna. São verdadeiros clãs, divididos em nações com penas (arara, mutum, maguari, etc.) e outras sem penas (onça, buriti, saúva, etc.). Conta a lenda que *You* e *Ipi*, heróis mitológicos do povo ticuna, pescaram seu povo com isca de macaxeira. *You* pescou o povo magüta e *Ipi*, os peruanos. Para que os ticunas pudessem se casar, os dois passaram a dar o caldo da jacarerana (réptil de hábitos aquáticos) para todos provarem e dizerem o gosto que tinha. Os da nação de onça sentiram, então, um gosto de onça, os da de buriti, um gosto de buriti, e assim sucessivamente.

# A história de um poeta da vida

*Ex-menino de rua lança livro e participa de filme comemorativo dos 50 anos da Organização das Nações Unidas*

## Elizabeth von Zuben

**N**ão importa a cor, a raça, de onde a pessoa veio ou foi criada. Todos na vida têm uma chance e é importante aproveitá-la. Humberto de Jesus dos Santos, 20 anos, agarrou a sua com unhas e dentes. Ele foi menino de rua e se tornou poeta e ator, participando do filme *Global Youth* (Menino Global), a ser lançado este ano, em comemoração do cinquentenário da Organização das Nações Unidas. Humberto representa não só o Brasil mas também a América Latina, para mostrar ao mundo os problemas enfrentados pelos menores carentes nos países latino-americanos.

Tudo começou quando o jovem tinha ainda 12 anos. Morava na Cidade de Deus, em Jacarepaguá (Zona Norte do Rio), com sua mãe, que trabalhava lavando e passando roupa, e mais seis irmãos. Cursava a 3ª série do 1º grau, quando se juntou a um grupo de rapazes do colégio para roubar alimentos de supermercados. Nem ele e nem seus amigos tinham necessidade de furtar, pois não passavam fome, mas também não tinham condição de ficar comprando “guloseimas”. Assim, como numa brincadeira de criança – furtar doces – ele se iniciou na vida do roubo.

Só que aos poucos o que era uma suposta brincadeira se transformou

## Poemas de autodidata

No longa-metragem *Global Youth*, serão musicadas duas poesias de Humberto dos Santos que foram publicadas no livro *Babilônia: Meio Leve e Solitário no Mundo Perdido*.

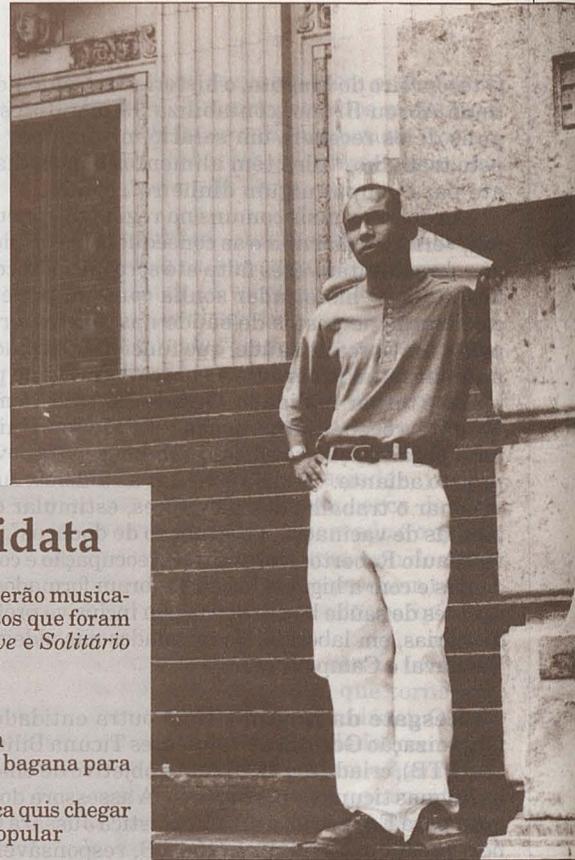
### Meio Leve

Vim meio leve há quase uma semana  
Sem viver nasci pivete chorando uma bagana para comer  
Saí de leve com um passo de quem nunca quis chegar  
Virei confete no fundo de uma cela popular  
Mas posso mais do que de mais  
Enquanto mais me convém  
Não quero mais me machucar  
Pancadas não me fizeram bem  
Espero mais de minha voz para falar de nós  
O anjo forte que há em mim quer lhe dizer  
Paz também sou capaz  
Dor não preciso de dor  
Dor ninguém é só dor.

### Solitário no Mundo Perdido

Sinto-me solitário com meu arrependimento, com meu sofrimento, com a minha dor  
Calado sinto como se não fosse nada neste mundo  
Com as coisas que fiz no passado  
De mim eu escondo tudo mas ainda não encontrei ninguém com quem possa abrir meu coração  
Contar a minha vida verdadeira que guardo dentro do meu corpo  
Sem abrir é um sufoco.

em um perigo para a sociedade. Ele e seus companheiros passaram a assaltar pessoas distraídas nas ruas, praças e ônibus, principalmente as que passavam pela Barra da Tijuca (Zona Oeste) e Copacabana (Zona Sul). Já não eram doces, mas relógios, depois bicicletas e mobiletes. “Eu que-



*Humberto trabalha hoje na Assembléia do Rio (ao fundo)*

ria me dar bem na vida e achava que esse era o caminho certo. Era uma ilusão. Uma vez, roubei uma mobilete, fiquei com ela um tempo e depois a vendi para comprar roupas no shopping”, fala o ex-menino de rua.

Rapidamente, se envolveu com drogas, não voltava mais para casa e parou de estudar. “Eu ia todo dia de manhã para a escola. Saía ao meio-dia e ficava direto roubando. Chegava a virar a noite. Depois passei a me dedicar ao roubo também na parte da manhã, porque o dinheiro para o tóxico não dava. Aí parei de estudar”, conta.

Num assalto na Barra da Tijuca, Humberto e seus amigos foram capturados por policiais e levados para antiga Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (Funabem), atual Centro Brasileiro da Infância e da Adolescência (CBIA), em Quintino (Zona Norte),

onde ficaram recolhidos por apenas três dias. "Na época achei até mole e pensei que desse jeito iria mesmo continuar a roubar todo dia", revela.

Só que em um dos costumeiros assaltos a ônibus, o grupo infrator notou a presença de um homem armado. Resolveram desistir e saltaram do veículo. Mas, o homem disparou a sua pistola. "Todos saíram correndo. Quando olhei para trás, vi que um de nossos amigos, Andelson, de 14 anos, tinha sido atingido. Um médico apareceu e fomos todos ao hospital", explica. O amigo morreu e mais uma vez os policiais prenderam todos. Desta vez, o grupo foi encaminhado para o Instituto Padre Severino, local para onde são conduzidos menores infratores.

Na instituição, Humberto ficou dois meses e pediu para que continuasse preso porque não queria voltar para o lugar em que morava - "onde tudo começou". Foi mandado então para o Centro de Recursos Integrados de Atendimento ao Menor (Criam) de Ricardo de Albuquerque, bairro da Zona Norte do Rio. "Lá estavam meninos e meninas e eu acabei arrumando uma confusão com uma delas e tive que voltar para o Padre Severino", diz Humberto. "Naquele momento vi o mundo se fechar para mim. Fiquei tão arrependido que não conseguia colocar para fora o que sentia. Então comecei a escrever o que na época eu nem sabia que se chamava poesia", afirma.

Numa visita do sociólogo Herbert de Souza ao instituto, Humberto conseguiu mostrar as poesias de sua autoria para ele. Coincidentemente, a vida dele começou pouco depois a tomar outro rumo. Foi transferido para o Criam da Penha, onde fez cursos de mecânica e poesia e ainda estudava num colégio público do bairro. Teve que sair da instituição quando completou 18 anos. "O pouco tempo que estive lá aproveitei muito. Fiquei assustado na hora de ir embora com

## Filme retrata cotidiano de menores carentes

O *Global Youth* é um longa-metragem de 90 minutos, sobre a vida de oito adolescentes vítimas das discriminações raciais e sociais, da guerra e da violência. Realizado para comemorar a passagem do cinquentenário da Organização das Nações Unidas este ano, a obra mistura ficção e realidade.

O projeto *Global Youth Network* da ONU, orçado em US\$ 2,5 milhões, é patrocinado pela multinacional de eletrodomésticos Electrolux. O diretor, o sueco Staffan Hildebrand, tem uma longa experiência em questões relacionadas ao jovem, com produções para cinema e TV. Hildebrand foi correspondente na guerra do Vietnã entre 1971 e 1975 e trabalha atualmente para uma emissora de TV da Suécia.

No filme, o cineasta reuniu os jovens em uma situação inusitada. Todos estão num mesmo vagão do metrô de Londres, quando as luzes se apagam. Eles começam a se ajudar e cada um começa a contar a sofrida história particular, com discussões sobre o que pensam de governos, drogas, amor, violência, epidemias e das fronteiras entre os países.

O ex-menino de rua Humberto dos Santos, que foi descoberto pelo cineasta através de uma matéria da revista norte-americana *Newsweek*, conta as experiências vividas no Instituto Padre Severino. As cenas passadas no Rio foram gravadas na Cinelândia (Centro do Rio) e no morro do Chapéu Mangueira, no Leme (Zona Sul).

A equipe da ONU gravou cenas nas cidades do Cairo (Egito), Cidade do Cabo (África do Sul), Sarajevo (Bósnia), Nova Iorque (Estados Unidos), Berlim (Alemanha), Bangcoc (Tailândia) e Londres (Inglaterra).

No Cairo será contada a história de Tarik Saleh, um grafiteiro egípcio que está fazendo um trabalho sobre a agressão humana. Na Cidade do Cabo, o caso citado é da cantora de *soul* Jennifer Jones, que passou boa parte de sua vida em um orfanato e hoje luta pela democracia. Na capital alemã, uma menina que toca violoncelo e luta contra o racismo foi escolhida para retratar o seu país. Em Sarajevo, é contada a trajetória de uma bailarina cujo namorado está no *front* de guerra. Em Bangcoc, o caso citado é de um menino que toma conta de um clube de rock. Em Nova Iorque, foi escolhido a trajetória de um jogador profissional de futebol americano.

O filme terá uma turnê mundial; será exibido em salas de cinema e vários canais de televisão entre os dias 17 e 24 de outubro. O *Global Youth* ganhará cópias legendadas em diversos idiomas. O projeto das Nações Unidas prevê também o lançamento de uma revista.



medo de enfrentar o mundo." Deixou o Criam e foi para casa.

Hoje o ex-menino de rua conseguiu publicar o livro *Babilônia*, que reúne 48 poesias de sua autoria. Betinho também divulgou as poesias num livro. Humberto trabalha no gabinete do deputado estadual Paulo Mello,

também ex-menino de rua, como assessor-técnico-parlamentar da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro. Cursa hoje a 6ª série do 1º grau e frequenta um curso de inglês, pois também conseguiu uma bolsa de estudos. Vive numa casa na Penha que ele mesmo construiu. ■

# O centenário de uma paixão brasileira

*Em 1895, foi realizado o primeiro jogo de futebol em solo nacional, representando o pontapé inicial no país de um esporte que ficou internacionalmente associado à palavra Brasil*



*O talento de Friedenreich (sentado ao centro) contribuiu para superar o preconceito contra negros e mulatos no futebol*

## Marco André Balloussier\*

**O**ficialmente, o futebol brasileiro comemorou o seu centenário no ano passado. O ano de 1894 é considerado como o da introdução do futebol no Brasil, devido à chegada ao país do paulistano Charles Miller, após uma temporada de estudos na Inglaterra, trazendo na bagagem duas bolas de couro e um uniforme completo de jogo.

Entretanto, pode-se falar que o verdadeiro centenário do futebol brasileiro ocorre em abril de 1995, levando-se em conta o dito popular de que

“no futebol, o que vale é a bola na rede”. É que as bolas trazidas por Miller tardaram um pouco a rolar. Surpreendido pela constatação de que o esporte ainda não era praticado no Brasil, Charles Miller iniciou um intenso trabalho pioneiro de divulgação do novo esporte. Finalmente, no dia 14 de abril de 1895 foi disputada, em São Paulo, o que a historiografia considera a primeira partida de futebol no Brasil, entre os times da São Paulo Railway e da Companhia de Gás. Quase todos os jogadores eram ingleses.

Antes de desembarcarem em terras brasileiras, muitos tipos de “bolas”

rolaram pelo mundo. Durante a Idade Média, na cidade inglesa de Ashbourne, realizava-se anualmente um jogo nas *Shrove Tuesdays* (terças-feiras gordas). Duas equipes, cada qual com centenas de jogadores, disputavam a socos e pontapés a posse de uma bola de couro, fabricada pelo sapateiro local. Vencia o jogo a equipe que conseguisse fazer a bola passar pela meta adversária, no caso os portões norte e sul da cidade, um para cada equipe. Uma versão bastante difundida diz que a primeira destas partidas teria sido disputada com a cabeça de um oficial dinamarquês, morto em combate.

Mas as origens do futebol podem ser encontradas em locais e épocas mais distantes do que a Inglaterra medieval. A Arqueologia fornece algumas evidências de que no Egito e na Babilônia, há mais de 30 séculos, já se praticava algum tipo de jogo de bola, utilizando-se os pés. O Tsu-chu ("golpe na bola com o pé"), praticado pelos chineses cerca de 2600 a.C., e o Kemari, jogo semelhante desenvolvido no Japão, também podem ser considerados precursores longínquos do futebol.

Embora jogos com bola não estivessem incluídos nas famosas Olimpíadas da Antiguidade, é sabido que os gregos também gostavam de uma "pelada". O Epyskiros, jogado pelos gregos, foi copiado pelos romanos, que criaram o Harpastum. Como os romanos dominaram a Bretanha, existe uma corrente que afirma terem sido eles os introdutores do "futebol" na Inglaterra. De qualquer forma, o fato é que a Inglaterra é considerada o berço do futebol moderno. Não é à toa que ele também é conhecido como o esporte bretão.

**Reações dos poderosos** – Antes de se firmar como esporte, o futebol foi combatido pelas autoridades inglesas durante vários séculos. Além de ser considerado muito violento e de causar grandes transtornos nas cidades, temia-se que a popularidade do jogo desviasse a atenção dos jovens dos esportes mais adequados à formação militar, como esgrima, equitação, arco e flecha, entre outros.

Muitos reis publicaram atos proibindo a prática do futebol na Inglaterra durante a Idade Média. Também na Escócia o esporte era combatido. Em 1423, Jaime I decidiu que: "Por este estatuto, o rei proíbe que qualquer homem jogue futebol, sendo a pena uma multa de 50 xelins, a ser paga ao senhor da terra onde ele jogou (...)." Um exemplo da marginalização social do jogo pode ser encontrado na obra *Rei Lear*, de William Shakespeare, onde um personagem é chamado de "seu desprezível jogador de futebol".

Aos poucos o esporte foi se disciplinando e contando com uma maior

complacência por parte das autoridades. A oportunidade para a afirmação definitiva chegou no século XIX, quando o pedagogo Thomas Arnold foi encarregado de reformular o ensino inglês. Interessava ao conservadorismo da época vitoriana que os jovens descarregassem suas energias em atividades físicas, e não em práticas condenáveis, entre as quais se incluíam manifestações políticas de cunho reformista.

Assim, o futebol e outros esportes começaram a fazer parte da educação regular dos jovens ingleses. Nas escolas foram codificadas as primeiras regras do jogo. A mais antiga regulamentação do futebol foi a de Rugby – "As Leis do Futebol baseadas nas Regras do Jogo como é jogado na Escola de Rugby", aprovadas em 1846. O esporte praticado nesta escola tinha uma particularidade: a permissão do uso das mãos por todos os jogadores. Esse aspecto a diferenciava da maioria das outras instituições de ensino e acabaria dando origem a um outro tipo de futebol, o rugby.

Como as regras não eram iguais para todas as escolas, as dimensões do campo e o número de jogadores variavam bastante. Acredita-se que o futebol com 11 jogadores se firmou pelo fato das turmas de Cambridge terem

dez alunos e um bedel (inspetor de classe). As turmas da Escola de Rugby tinham 12 alunos e um bedel. Segundo o mesmo raciocínio, isto explicaria por que o rugby é jogado com 13 jogadores.

**Rápida difusão** – O dia 26 de outubro de 1863 é considerado como a data de nascimento do futebol moderno, quando uma reunião em Londres resultou na criação da The Football Association, entidade que até hoje controla o futebol inglês. O esporte rapidamente se difundiu por todo o Reino Unido e os ingleses se encarregaram de universalizá-lo.

No caso do Brasil, a honra de ser considerado o introdutor e difusor do esporte no local que futuramente seria chamado de "país do futebol" coube a um descendente de ingleses. Além de ter introduzido a prática regular do esporte, pode-se dizer que Charles Miller também era bom de bola. Artilheiro implacável, tinha como jogada característica a amortecida da bola com a face externa do pé, que ficou conhecida como "charles", atualmente chamada de "chaleira".

No Rio de Janeiro, o futebol chegou através de outro descendente de ingleses, Oscar Cox. Foi dele também a iniciativa de organizar a primeira partida entre cariocas e paulistas, que ocorreu no dia 19 de outubro de 1901, no



A paixão pelo futebol faz com que o país pare num dia de jogo da seleção na Copa

campo do São Paulo Athletic. Era o início de uma rivalidade que até hoje marca o futebol brasileiro. Só que os jogadores da época não tinham as mordomias atuais e tiveram que pagar as passagens do próprio bolso. Ao consultar a direção da Estrada de Ferro Central do Brasil sobre a possibilidade da delegação carioca viajar com passagens de cortesia, Cox ouviu como resposta: "A Estrada de Ferro não foi feita para passeios de malandros e desocupados."

A resposta malcriada, contudo, não foi nenhum empecilho, pois todos os jogadores eram ricos o suficiente para custear a viagem. Isto, aliás, era uma "regra" dos primeiros anos do futebol no Brasil. Seus praticantes eram brancos e quase todos membros de famílias ilustres da sociedade. O futebol era um esporte de elite, impregnado de preconceitos de classe e de cor.

Outra característica presente nos primórdios do futebol era um certo cavalheirismo britânico que imperava entre os jogadores. Na final da primeira Copa Roca, disputada em Buenos Aires em 1914, aconteceu um fato inacreditável para os padrões de hoje. O Brasil ganhava por 1 a 0 da Argentina, até que os platinos conseguiram marcar o gol de empate, confirmado pelo juiz. Só que o autor do gol argentino dirigiu-se ao árbitro e disse: "Não valide o gol, senhor juiz, porque eu controlei a bola com a mão, e não com o peito."

**Esporte de massa** – Inicialmente um esporte de elite, o futebol no Brasil rapidamente caminhou no sentido da popularização. Um dos motivos possíveis para se explicar a aceitação popular do novo esporte seria a pouca complexidade, tanto em termos de regras como de equipamentos necessários para a prática. Qualquer pessoa, mesmo que seja analfabeta em futebol, consegue entender rapidamente os seus princípios básicos. E para jogar futebol, além da disposição, basta apenas, na pior das hipóteses, uma bola (que pode até ser de meia), um espaço para correr e paus ou pedras para delimitar os gols.

Se os negros e os brancos pobres eram proibidos de entrar nos clubes de elite, ninguém podia impedir que

eles jogassem nos campos de várzea ou em terrenos baldios esburacados, e com isso fossem tomando o gosto pelo novo esporte. Aos poucos começam a surgir clubes com fundadores ou jogadores de origem popular, como o Corinthians, em São Paulo, o Vasco da Gama, no Rio de Janeiro, e o Internacional, no Rio Grande do Sul. O clube gaúcho foi fundado por imigrantes de tendência anarquista, daí a origem do nome e a cor vermelha de seu uniforme.

Mas a rápida difusão do futebol não era suficiente para eliminar totalmente os preconceitos. Em 1916 havia poucos navios disponíveis, em função da Primeira Guerra Mundial. Como a seleção brasileira iria disputar um campeonato na Argentina, pensou-se em embarcá-la no mesmo navio que levaria diplomatas brasileiros para um congresso em Tucumán, no norte do país vizinho. Quando soube da



### *A simplicidade das regras e dos equipamentos necessários para a prática do esporte facilitaram a popularização do futebol no Brasil*

possibilidade, o conselheiro Rui Barbosa, chefe da comitiva diplomática brasileira, respondeu ao ministro do Exterior, Lauro Müller: "Pois saiba o senhor, que eu, minha família e os meus auxiliares não viajamos com essa corja de malandros! Futebolista é sinônimo de vagabundo, e pode escolher imediatamente, senhor ministro, ou eles ou eu." É claro que o diplomata venceu, obrigando a seleção a encarar uma viagem de trem até Buenos Aires e fazendo com que os jogadores chegassem esgotados para a disputa do torneio.

A discriminação mais evidente continuava sendo a racial. O Fluminense até hoje é conhecido como "pó-de-arroz", porque houve época em que jogadores mulatos do clube usavam o produto para disfarçar sua verdadeira cor de pele. Em 1921, o próprio presidente da República, Epitácio Pessoa, recomendou à Confederação Brasileira de Desportos (CBD) que não convocasse jogadores negros e mulatos para a seleção brasileira que iria disputar o Campeonato Sul-Americano, na Argentina.

Ironicamente, o primeiro grande ídolo do futebol brasileiro viria a ser justamente um mulato, filho de alemão com brasileira, chamado Artur Friedenreich. Fried ou "El Tigre", como era conhecido pela torcida, foi de grande importância para que o futebol brasileiro começasse a vencer a barreira do preconceito racial. De acordo com algumas antigas estatísticas, ele teria marcado mais gols do que Pelé. Foi dele o gol que deu à seleção brasileira seu primeiro título importante, o Campeonato Sul-Americano de 1919.

Neste campeonato já era evidente que o futebol se transformava no "esporte das multidões". Trinta e cinco mil pessoas lotaram o Estádio do Fluminense, nas Laranjeiras, para assistir à final entre Brasil e Uruguai. Pela primeira vez se registrava o fenômeno do câmbio negro, pois, com os ingressos esgotados, pagava-se qualquer quantia para assistir à partida. A cidade inteira comemorou a vitória brasileira e as chuteiras de Friedenreich ficaram expostas na vitrine de uma joalheria, na rua do Ouvidor.

Durante muitos anos o futebol brasileiro permaneceu apegado aos princípios do amadorismo. Na Inglaterra do século XIX, Lord Prestwick, um dos maiores defensores do amadorismo em seu país, dizia que "não merece respeito quem faz por dinheiro o que deveria fazer por prazer". Na década de 20 já era comum os jogadores brasileiros receberem prêmios em dinheiro, mas foi somente em 1933 que o profissionalismo foi oficialmente reconhecido no Brasil.

**Trampolim social** – Com o advento do profissionalismo, o futebol tornava-se, ao lado da música popu-

lar, uma forma de ascensão social para pessoas menos favorecidas da sociedade, sobretudo os negros e mulatos. Domingos da Guia, o "Divino Mestre", ganhava um conto de réis por mês, em 1934, quantia significativa para a época. Leônidas da Silva, o "Diamante Negro", tornou-se um dos brasileiros mais populares da década de 30, ao lado de Getúlio Vargas e de Orlando Silva (o "Cantor das Multidões").

O profissionalismo significou também um passo importante na evolução técnica do futebol brasileiro. Na Copa de 1938, disputada na França, a seleção conquistou o terceiro lugar e o craque Leônidas deslumbrou o mundo. Estava faltando o título, que representaria a afirmação definitiva do Brasil no cenário internacional.

A grande oportunidade veio em 1950, quando a Copa do Mundo se realizou no Brasil. Todos os preparativos foram feitos para levantarmos a taça. A equipe era ótima. O técnico Flávio Costa ganhava cerca de US\$ 7 mil mensais, um salário astronômico para os padrões da época. Construiu-se o maior estádio do mundo, o Maracanã, batizado oficialmente de Estádio Mário Filho (autor do livro *O negro no futebol brasileiro*, em homenagem ao grande jornalista esportivo - ver resenha na seção Espaço do livro).

Depois das semifinais ninguém mais duvidava de que o Brasil seria campeão. Nessa fase, o Brasil conseguiu vitórias arrasadoras contra a Suécia (7 a 1) e Espanha (6 a 1), quando o Maracanã lotado cantou em delírio *Touradas em Madri*, do compositor Braguinha, ironizando a seleção espanhola. O país inteiro passou a viver um clima de euforia, o que tornou ainda maior a tragédia ocorrida no dia 16 de julho de 1950: o Uruguai ganhou por 2 a 1, quando bastava um empate para o Brasil ser campeão do mundo de futebol pela primeira vez.

O sonho teve que esperar mais oito anos para virar realidade. E ele veio em grande estilo. O Brasil, além de ser o único país a participar de todas as copas realizadas até hoje, é também o único que já ganhou um campeonato mundial fora do seu continente. Isto aconteceu em 1958, na Suécia.

Em 1962, no Chile, jogando basicamente com o mesmo time, conquista-



Depois de 24 anos de espera, os brasileiros puderam comemorar o tetra na Copa 94

mos o bicampeonato. Era o início dos anos de ouro do futebol brasileiro, cujo ápice se daria em 1970, no México, quando o Brasil se tornou o primeiro país a conquistar por três vezes o campeonato mundial de futebol, ficando com a honra de possuir definitivamente a famosa taça Jules Rimet. O glorioso troféu foi roubado da sede da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), no Centro do Rio, em 1983 e posteriormente derretido. A CBF mantém hoje uma réplica da taça.

Esta fase de glórias ajudou a consolidar a famosa mística da camisa amarela. Mesmo tendo ficado 24 anos sem ganhar uma Copa do Mundo, até que veio o tão sonhado e inesquecível tetra do ano passado, não houve uma das cinco copas realizadas entre 1974 e 1990 em que o Brasil não entrasse como um dos principais favoritos. Sempre que a seleção brasileira vai a campo, estando em boa ou em má fase, ela inspira um temor reverencial nos adversários. Estes podem conhecer quase nada sobre o Brasil, como a maioria dos estrangeiros em geral. Mas uma coisa com certeza eles sabem: que estarão enfrentando o país do futebol.

Não há dúvida de que o futebol é o esporte mais difundido do planeta. O número de países filiados à Federação

Internacional de Futebol Association (Fifa) é maior do que o de membros da ONU. Alguns países da Europa, como a Itália, Alemanha e Inglaterra, têm inegável tradição futebolística. O mesmo se pode dizer do Uruguai e da Argentina, nossos vizinhos sul-americanos. Entretanto, talvez em nenhum outro lugar do mundo, o futebol tenha se incorporado de maneira tão definitiva na vida e na cultura nacional como no caso do Brasil.

Ao longo dos seus cem anos de história o futebol brasileiro conviveu com o preconceito, o elitismo, os desmandos dos "cartolas", as ingerências políticas de toda ordem, mas constituiu-se também numa inesgotável fonte de alegria popular, além de ser um fator de coesão nacional. Já dizia o dramaturgo Nelson Rodrigues que "a seleção é a pátria de calções e chuteiras".

O pioneiro Charles Miller jamais poderia imaginar, durante aquela histórica partida de abril de 1895, que a novidade que ele acabava de trazer da Inglaterra um dia se tornaria a paixão nacional de milhões de brasileiros. Diz-se que os únicos espectadores daquele jogo foram alguns burros da companhia de bondes, que pastavam calmamente no gramado.

\*Historiador e professor de História

# A "mãe" de todas as novelas brasileiras



As novelas brasileiras (acima, Daniel Filho numa gravação) têm muito êxito em Cuba

## Claudia Guimarães

**A**lbertinho Limonta era o que se costumava chamar de "um bom partido": charmoso, bom caráter e um prestigiado médico. Hoje, com seu bigodinho bem aparado, cabelos curtos e olhar de *latin lover*, talvez não fizesse muito sucesso junto às garotas da geração criada ao embalo de vertiginosos *video-clips*. Mas, durante duas décadas, ele foi uma referência obrigatória no imaginário feminino da jovem brasileira. Primeiro no rádio, nos anos 50, na aveludada voz do ator Paulo Gracindo, e depois na pele de Amilton Fernandes, no início dos anos 60, este personagem foi o galã de um melodrama que causou furor na televisão brasileira: *O direito de nascer*.

O que poucos sabem – mesmo os que já passaram dos *enta* – é que a novela era de um autor cubano, Felix Cagnet. E, como esta, muitas outras levadas ao ar na década de 60.

"A produção de *O direito de nascer* representou uma guinada na teleno-

vela brasileira, pois provou que a televisão era um veículo adequado para uma série dramática desse tipo."

A opinião vem de um profundo conhecedor da televisão latino-americana, o professor universitário Vicente González Castro. Produtor e apresentador em Cuba de um programa semanal sobre a própria televisão – chamado *Tv em Tv*, há mais de cinco anos no ar –, ele esteve recentemente no Brasil a fim de colher dados para um documentário que está produzindo sobre os 45 anos da televisão em Cuba.

A série, no ar desde o início do ano, no horário nobre do principal canal cubano, inclui também gravações em Buenos Aires, Caracas e México. No total, terá 50 capítulos, dos quais um dedicado à influência das novelas cubanas – tomando como exemplo mais conhecido *O direito de nascer* – na telenovela brasileira.

Co-estrelada, na versão televisiva, por Natália Timberg e Guy Lupe, *O direito de nascer* foi ao ar em 1961. Sua repercussão foi tamanha que decidiu-se gravar o último capítulo no Maraca-

názinho, ao vivo, como aliás eram todas as produções da época. "Havia uma multidão nas arquibancadas. Foi uma comoção generalizada, com pessoas caindo em prantos, outras desmaiando, algo indescritível", relembrou, com emoção, a atriz Natália Timberg, em seu depoimento para o documentário.

"Achamos importante mostrar nesta série que as atuais novelas brasileiras, cujo padrão de qualidade tanto fascina os cubanos, têm um distante mas profundo vínculo com nosso país", explica o professor e jornalista.

**O "elo perdido"** – A princípio, segundo conta González Castro, o fio condutor do capítulo dedicado ao Brasil seria a novelista cubana Gloria Magadá, um nome extremamente familiar para quem sintonizava a telinha nos anos 60.

Responsável pela maior parte dos roteiros de telenovelas daquele período, sua história em si já daria um romance policial. Nem um paciente trabalho de "detetive" permitiu ao jorna-

*Documentário sobre os 45 anos da televisão em Cuba resgata a influência daquele país nas telenovelas brasileiras da década de 60*

lista em sua estada no Brasil reconstituir a história de quem ele definiu como "o elo perdido" entre as televisões cubana e brasileira.

O único que se sabe é que, após a vitória da revolução, em 1959, Gloria se radicou no Brasil, onde escreveu ou adaptou os roteiros de uma infinidade de novelas de grande sucesso.

"O primeiro ponto obscuro é: quem foi Gloria Magadá? Como é possível que ninguém na televisão cubana tenha jamais ouvido falar dela? Não teria usado um pseudônimo no Brasil? Como ela trouxe aqueles roteiros de lá? Comprou os direitos autorais ou simplesmente os colocou debaixo do braço e foi embora com eles?"

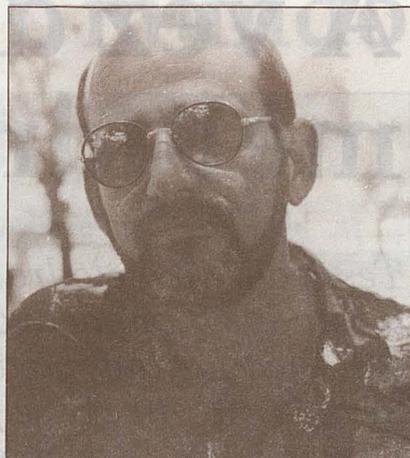
Com essas perguntas dando voltas na cabeça, o jornalista entrevistou no Rio de Janeiro e em São Paulo pessoas ligadas aos primórdios da televisão brasileira. Mas nem os que trabalharam diretamente com ela, como o diretor e ator Daniel Filho, souberam dar maiores informações.

"Ninguém sabe como ela apareceu

por aqui. Só posso dizer que Gloria Magadá era uma pessoa de trato muito difícil e seus roteiros, louquíssimos. As histórias sempre se passavam em países exóticos, o que dificultava enormemente a produção. Imagine reproduzir em precários cenários uma história passada no interior da Pérsia antiga, caracterizar os personagens para que parecessem asiáticos, árabes ou seja lá o que fosse...", lembrou, com boas gargalhadas, Daniel Filho, no seu depoimento para a série.

O mistério sobre o seu paradeiro não é menor. "Não sabemos nem se está viva ou morta. Imagino que hoje estaria com uns 75 anos. Ouvi dizer que ela estaria em Miami, no México ou até numa pequena cidade do interior do Estado do Rio. Ela simplesmente se esfumou no ar", diz o diretor de televisão Geraldo Casé.

**Falta de registros** - Apesar das dificuldades, em termos de produção, para garimpar informações tão antigas no exterior, o maior desafio do jor-



Vicente: resgate da história da tv

nalista tem sido a falta de registros de gravações da própria televisão cubana.

"O principal problema se deve ao fato de que somente existem documentos filmados em 16mm até 1965 e em vídeo-teipe, em condições aproveitáveis, a partir da década de 80. Há uma zona de silêncio de 20 anos, ocasionada pela falta de avanços tecnológicos dos equipamentos daquela época."

Depois de ter sido, junto com o México e Brasil, pioneira nas transmissões de televisão, Cuba foi ficando gradualmente defasada em relação a estes dois países.

Segundo González Castro, isso se explica, primeiro, devido à emigração em massa dos mais importantes técnicos, diretores e empresários da área; e depois, devido ao bloqueio, que lhes tem impedido ou dificultado a compra de novos equipamentos ou peças de reposição.

"Além disso, é importante recordar que, com o bloqueio, ficamos isolados da América e passamos a depender do campo socialista europeu. Mas a tecnologia russa tinha um considerável atraso em relação à norte-americana, utilizada em Cuba, e, para complicar, era padrão Secam, enquanto o nosso é NTSC."

Nenhum desses obstáculos, porém, arrefeceu o entusiasmo do jornalista pelo projeto. "Estou certo que, quando estiver terminado, este documentário mostrará não só o impacto do surgimento da televisão, e sua posterior evolução em Cuba, mas também lançará uma luz sobre o seu papel em diversos outros países da América Latina", conclui. ■

## O pioneirismo da tv cubana

O trabalho de resgate da história da televisão cubana tem trazido à tona fatos inéditos ou não muito divulgados. Poucos sabem, por exemplo, que em 1946 Cuba foi o segundo país a fazer, em caráter experimental, uma transmissão em circuito aberto, algo que só havia sido feito antes nos Estados Unidos.

Já a primeira transmissão televisiva de um evento internacional ocorreu em 1952 quando foi ao ar em Havana um jogo de beisebol das Grandes Ligas dos Estados Unidos. "Como não havia satélite naquela época, a forma encontrada foi utilizar um avião DC-3, que fazia o papel de repetidor e ficava voando sobre o canal da Flórida, enquanto durava o jogo", lembra González Castro.

Outra área em que o país caribenho foi pioneiro foi a teledramaturgia, ao transmitir em 1952 a primeira novela, *História de três irmãs*. "No começo, ela não tinha patrocinadores, porque ninguém levou fé em um drama televisado, num momento em que o rádio era o veículo por excelência desse tipo de produção. Algum tempo depois, a procura foi tanta que não havia mais espaço para comerciais."

Na avaliação do jornalista, Cuba serviu também como balão de ensaio para Goar Mestre, um verdadeiro mito na América Latina, responsável pela introdução da televisão não só em Cuba, como em muitos outros países do continente. "Goar, que morreu o ano passado, deu em nosso país o passo inicial para criar o que hoje chamamos de indústria cultural, com todo o seu embasamento teórico e prático."

# A vez do melodrama

*Tese sobre o melodrama se propõe a estudar o impacto desse gênero na América Latina, visível nos filmes das décadas de 40 e 50 e presente até hoje nas novelas de televisão*

**A** pesar do melodrama não ter se originado na América Latina, o continente foi uma das principais caixas de ressonância do gênero, particularmente no cinema dos anos 40 e 50, arrebatando um enorme público.

Este tema, há muito tempo, interessava a Enrique Díaz, ator e diretor artístico do Teatro Ziembinski-Rio Arte, situado no Rio de Janeiro. Agora, graças a uma bolsa de estudos da Fundação Vitae, instituição alemã com filiais em vários países do mundo, principalmente no Terceiro Mundo, Enrique Díaz conseguiu apoio para pesquisar o melodrama.

“Essa fundação abre espaço para várias categorias artísticas, como teatro, artes plásticas, cinema, dança, literatura, vídeo. A cada ano, ela dá apoio a uma categoria diferente e, no caso do teatro, só abre patrocínio de dois em dois anos. A bolsa começou em março e terminará no final do ano, quando terei que apresentar minha tese em forma de texto teatral”, conta.

Ao mesmo tempo, ele está preparando uma peça cuja montagem será financiada pelo Centro Cultural Banco do Brasil. “A peça teatral e a bolsa de estudos não são um mesmo produto. São diferentes, mas a pesquisa é a mesma. Tentei unir o útil ao agradável. A bolsa de estudos irá me enriquecer no preparo do espetáculo e vice-versa”, explica.

Com apenas 27 anos, Enrique já ganhou dois prêmios Mambembes como ator nas peças infantis *A gata borralheira*, em 1986, *O dragão verde*,

em 1994, ambas de Maria Clara Machado, e um Molière (na época, tinha somente 24 anos) como diretor da peça *A bao a qu*. Além disso, foi indicado para os prêmios Shell, Cultura Inglesa (que será entregue em julho próximo), Oscarito e do Sindicato dos Artistas.

## O melodrama nas novelas -

Para redigir a tese, Enrique Díaz vai estudar os arquétipos do melodrama, os seus vários estilos, fazer um esboço do roteiro e trabalhar com os atores para testar todas as potencialidades da cena. Só então terminará o roteiro do texto teatral. “A idéia é trabalhar o texto junto com os atores”, explica.



Enrique Díaz: “O melodrama sempre existirá, mesmo que mude de nome”

Na sua dissertação, ele desenvolve uma teoria a respeito da origem do melodrama: “Depois da Revolução Francesa, surgiu a necessidade de se estabelecer novos parâmetros morais devido ao desmoronamento de estruturas até então sólidas, como a monarquia e a Igreja. É natural, portanto, que surgisse aquela visão do bem e do mal, do vilão e da moçinha, onde a virtude será sempre recompensada. Estes são, em suma, os elementos característicos do melodrama”.

Para o diretor, o melodrama tem uma definição: “Sem entrar em estilos, o melodrama é um produto cultural que tem apelo direto à emoção. Causa terror, no caso do vilão, e piedade em relação à moçinha. Tem uma leitura única, isto é, não tem ambigüidade, é de fácil compreensão.”

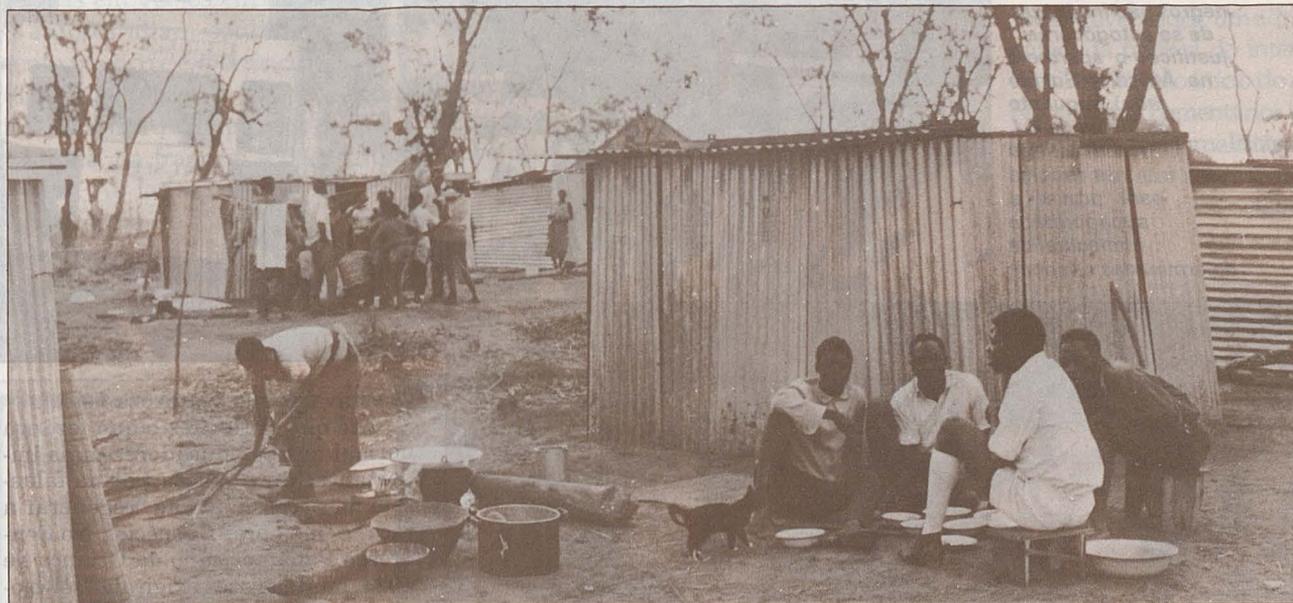
Na sua opinião, não é casual que o gênero tenha feito tanto sucesso na América Latina, principalmente no cinema. “É como se a América Latina entendesse mais sobre o melodrama... Os latino-americanos têm um lado emocional, apaixonado, bem diferente do europeu, que é mais analítico, frio. No Brasil, nos anos 40, vários filmes se destacaram nesse gênero, entre eles o famoso *O ébrio*, de Gillo de Abreu”, diz ele.

O melodrama, que é um gênero onde prevalecem o excesso sentimental e os exageros, normalmente tem um grande êxito de público e o desprezo dos críticos.

“As pessoas vêem o melodrama como clichê, brega, popular. Particularmente, eu gosto muito mais de obras que deixam sugestões para o espectador completar o significado, trabalhar mais com poesia do que com arquétipos prontos. Mas, ao mesmo tempo, vejo que o ser humano em geral tem a necessidade de definição de códigos morais”, analisa.

Por isso, na sua opinião, o melodrama sempre existirá, mesmo que com o tempo mude de rótulo. “Nas novelas de hoje o que mais vemos é o melodrama, só que de uma maneira bem mais diluída. Existem tantas informações que acabam se perdendo os arquétipos característicos dele. Mas o melodrama está na raiz das novelas”, conclui o diretor teatral. (Elizabeth von Zuben)

# A peste que ameaça o mundo



*Os termômetros confirmam que o mundo está ardendo em febre, vítima de uma “doença”, que está se transformando numa peste, a qual justifica o racismo e a pobreza baseado em premissas pseudo-científicas*

**Eduardo Galeano\***

**É** revelador o sucesso de um livro nos Estados Unidos que diz, com todas as letras, o que muitos pensam mas não se atrevem a manifestar em voz alta: dois cientistas proclamam sem papas na língua que os negros e os pobres têm um coeficiente intelectual inevitavelmente menor que os brancos e os ricos – por motivos genéticos – e, portanto, é um total desperdício empregar dinheiro na sua educação e assistência social.

O livro, *The bell curve*, não acrescenta nada que valha a pena à vasta bibliografia do racismo, mas sua enorme repercussão indica que está dizendo o que muita gente quer escutar. E o que de verdade importa é que sua mensagem coincide com a bíblia da economia de mercado: do ponto de vista da religião do dinheiro, a pobreza não é resultado da injustiça, mas o castigo que a ineficiência merece.

Para fundamentar esta tese, surgem ideólogos fornecendo a grande desculpa para um sistema que está em guerra com os pobres porque é incapaz de combater a pobreza: os pobres não são burros porque são pobres, e sim são pobres porque são burros... e são burros por herança genética.

A pobreza é tão “natural” como a democracia racial que mantém os negros abaixo dos brancos. A desigualdade social ficaria, assim, consagrada pela legitimação biológica: a divisão da sociedade em classes faz parte da “ordem natural” das coisas.

Esta, certamente, não é a primeira vez que os testes de Q.I. (coeficiente intelectual) servem de matéria-prima para justificar o racismo, apesar do duvidoso valor destas medições que tratam as pessoas como se fossem números.

Em *The bell curve*, os professores Richard Herrnstein e Charles Murray não fazem mais do que confirmar que

Alfred Binet tinha bons motivos para desconfiar da sua própria invenção. Em fins do século passado, Binet havia criado em Paris o primeiro teste de coeficiente intelectual, com o louvável propósito de identificar as crianças que precisavam de mais ajuda dos professores nas escolas. Mas foi o primeiro a perceber que tratava-se de um “instrumento imperfeito”, segundo ele mesmo afirmou, que de nenhuma forma poderia medir a inteligência ou servir para desqualificar alguém.

O próprio Binet havia sofrido na pele esse tipo de problema, ao ser subestimado por seus professores, quando ainda era estudante, como ocorreu com Winston Churchill, Albert Einstein e muitas outras crianças com uma aprendizagem lenta, que recebiam de seus professores frases estimulantes como: “Você nunca vai chegar a lugar nenhum.”

O teste, que pode ter certa utilidade em determinado momento e lugar,

A tese de que "os negros são incapazes de se autogovernar" justificou o apartheid na África do Sul (ao lado), enquanto os testes de Q.I. foram usados nas escolas para "provar" a superioridade intelectual de determinadas crianças



obviamente pode não servir para nada em outro momento e lugar. As primeiras aplicações do teste de Binet nos portos de Nova Iorque – por onde entrava a maioria dos estrangeiros que se radicou na América no início do século – mostraram que mais de 80% dos imigrantes judeus, húngaros, italianos e russos eram débeis mentais.

À idêntica conclusão chegou, em 1916, o médico Alejandro Vera Alvarez na cidade boliviana de Potosí. Após aplicar o teste de Binet nas crianças de escolas públicas, "constatou" que menos de 20% eram normais. E o restante era retardado mental, por culpa da herança genética e outros fatores.

Quando Binet inventou seu teste na Sorbone, estava na moda outra maneira de medir a inteligência: a capacidade intelectual dependia do peso do cérebro. Este método tinha o inconveniente de que só permitia admirar ou desprezar... os que já haviam morrido. Os cientistas andavam à caça de crânios famosos, e não se desanimavam nem diante dos resultados desconcertantes de suas operações. O cérebro de

Anatole France, por exemplo, pesou a metade que o de Ivan Turguenov, embora seus méritos literários fossem considerados iguais.

A grande figura intelectual do século passado na Bolívia, Gabriel René Moreno, havia descoberto que o cérebro indígena e o mestiço pesavam "entre cinco e dez onças menos que o cérebro da raça branca". Como acontece quando a polícia invade a casa de um suspeito, o racismo "planta" provas onde não existem.

O tamanho do cérebro tem, em relação à inteligência, a mesma importância que o tamanho do pênis tem em relação à eficácia sexual, ou seja, nenhuma. Mas, ainda em 1964, a Enciclopédia Britânica considerava pertinente informar que os negros tinham "um cérebro pequeno em relação ao seu tamanho".

Quando o secretário de Estado norte-americano, Robert Lasing, teve que justificar os 19 anos de ocupação militar do Haiti (1915-1934), não fez mais do que ratificar uma convicção universal: os negros eram incapazes de se autogovernar, e essa incapacida-

de estava na sua "natureza física".

Até que Hitler fez o que fez, era normal que os educadores mais importantes da América Latina falassem da necessidade de "regenerar a raça" e "melhorar a espécie". No Congresso Panamericano da Criança de 1924, muitas vezes exigiram "selecionar as sementes que se plantavam" para gerar filhos sadios. Na mesma época, o jornal *El Mercurio*, do Chile, liderou uma campanha pelo melhoramento da raça, a partir da convicção de que a "mistura indígena dificulta, por seus hábitos e sua ignorância, a adoção de certos costumes modernos".

Em 1934, Hitler começou a pôr em prática a eugenia, e o mundo não viu nada demais em que ele mandasse esterilizar os doentes mentais e os criminosos, em defesa da raça ariana. O problema veio depois, quando ele ultrapassou todos os limites e sua voracidade em conquistar países desembocaram no que já se sabe.

A partir de então, os defensores do racismo tiveram que recuar, mergulhando no silêncio ou se expressando durante estas últimas décadas através de eufemismos.

Mas a minoria branca que há séculos manda no mundo, e que organizou o planeta inteiro como um gigantesco campo de concentração, necessita de discursos que absolvam a história e justifiquem seus atos. Por isso, nada tem de assombroso, embora seja tão indigno, que neste mundo dominado por poucos e ameaçado por muitos, voltem a ecoar as vozes do desprezo. ■

\* Eduardo Galeano, escritor e jornalista uruguaio, autor, entre outros, dos livros *As veias abertas da América Latina* e *Memórias do fogo*